



Pela primeira vez, Pequim admite que a eficácia do principal imunizante desenvolvido no país, CoronaVac, é mais baixa que a obtida por fármacos à base de material genético. Para fortalecer a resposta imunológica, o país deve investir na estratégia do reforço heterólogo

China defende mistura de vacinas

» PALOMA OLIVETO

O presidente do Centro de Controle de Doenças (CDC) da China, Gao Fu, afirmou que o país considera combinar duas vacinas diferentes para a covid-19, na tentativa de se obter um índice de proteção mais elevado. Em entrevista coletiva, em Chegndu, o virologista disse, pela primeira vez, que a eficácia das “vacinas existentes não é alta”. Por isso, segundo ele, uma opção seria aplicar uma dose dos imunizantes à base de vírus inativado — a plataforma da CoronaVac —, seguida pela injeção de uma substância de mRNA, como a da Pfizer e a da Moderna, que têm eficácia acima de 90%. A outra opção, disse Gao Fu, seria ajustar a dosagem, o intervalo entre as aplicações ou mesmo o número de doses, passando das atuais duas para três.

A estratégia de misturar tecnologias distintas chama-se reforço heterólogo e, no ano passado, foi aprovada por agências europeias para proteção contra o vírus Ebola.

As vacinas experimentais para o HIV também costumam usar essa abordagem. A ideia é obter uma resposta imunológica — tanto no estímulo de anticorpos neutralizantes quanto na produção de células T, que matam as infectadas — mais forte.

A eficácia global, que mede a capacidade de se evitar a doença comparando pessoas que receberam o imunizante com as do grupo placebo — da CoronaVac variou de 50,4% (estudo no Brasil) a 83,5% (pesquisa na Turquia). “Os níveis de anticorpos gerados por nossas vacinas são menores do que as vacinas de mRNA, e os dados de eficácia também são menores. Acho que é uma conclusão natural que nossas vacinas inativadas e com vetor de adenovírus são menos eficazes do que as vacinas de mRNA”, disse Tao Lina, especialista em vacinas de Xangai que também esteve presente na entrevista, concedida no sábado.

Ontem, um artigo divulgado na plataforma on-line SSRN pelo Instituto Butantan, que produz a vacina chinesa em São Paulo, informou que, nos 9.823 voluntários vacinados com duas doses, a eficácia global foi de 50,7%. No período estudado, 235 pessoas adoeceram de covid-19, sendo 85 no grupo imunizado e 168 no placebo. Um subgrupo da pesquisa indicou que a CoronaVac pode proteger mais quando o intervalo entre as injeções passa de 14 para 28 dias: 62,3%. Segundo a

Organização Mundial da Saúde (OMS), a eficácia mínima de uma vacina deve ser de 50%. Esse é o caso, por exemplo, do imunizante para gripe (50% a 60%).

Estudos

A estratégia citada por Gao Fu, de combinar tecnologias distintas, ainda não foi testada em humanos no caso da covid-19. Por enquanto, estudos em animais sugerem que o reforço heterólogo pode fortalecer a resposta imunológica. Um deles, divulgado na plataforma de pré-publicação (quando ainda não há revisão por outros cientistas) bioRxiv no fim de janeiro, mostrou que a combinação da vacina de RNA com a da AstraZeneca produziu mais anticorpos e células T em camundongo do que um ou outro imunizante sozinho. Em fevereiro, a Universidade de Oxford anunciou que está para começar um estudo que vai avaliar o reforço heterólogo, usando a substância desenvolvida com a AstraZeneca e a de mRNA da Pfizer.

“Dados os desafios inevitáveis de imunizar um grande número da população contra a covid-19 e potenciais restrições de fornecimento global, há vantagens em ter dados que poderão apoiar um programa de imunização mais flexível, se necessário e se aprovado pelos órgãos reguladores de medicamentos”, disse, em nota, Jonathan Van-Tam, responsável sênior pelo estudo. “Também é possível que, ao combinar vacinas, a resposta imunológica possa ser aumentada, dando níveis ainda mais elevados de anticorpos que duram mais. A menos que isso seja avaliado em um ensaio clínico, simplesmente não sabemos”, continuou. Ainda não foi divulgada a data de início da pesquisa, que vai durar 13 meses.

Na entrevista coletiva, o especialista Tao Lina destacou que quem já tomou as duas doses da CoronaVac ou de outra vacina inativada poderá ser aconselhado a tomar uma injeção baseada no material genético do vírus. “No entanto, a vacinação deve ser realizada a todo vapor. Não devemos esperar até que uma vacina perfeita esteja disponível”, disse. No fim do ano passado, o país asiático anunciou a construção da primeira fábrica de imunizantes de mRNA com tecnologia nacional. Segundo Gao Fu, a abordagem poderá ser utilizada na pesquisa de substâncias para outras doenças, como HIV/Aids e câncer.

STR/AFP



Equipe de saúde administra doses do imunizante CoronaVac em posto de vacinação instalado em universidade de Qingdao, na província chinesa de Shandong

Nelson AlmeidaAFP



Funcionários do Instituto Butantan, em São Paulo, na linha de produção do fármaco: 28 dias de intervalo entre as doses

Menos proteção contra variante

Um estudo realizado pela Universidade de Tel Aviv e pelo fundo de saúde israelense Clalit constatou que a vacina da Pfizer/BioNTech tem resposta imunológica inferior para a variante sul-africana do coronavírus. A pesquisa comparou 400 pessoas não vacinadas que contraíram a covid-19 com outras 400 pessoas parcial ou totalmente imunizadas, que também tiveram a doença.

Embora menos de 1% das contaminações em Israel sejam por causa da variante sul-africana,

entre as 150 pessoas que receberam as duas doses de vacina, a taxa de prevalência da cepa foi oito vezes maior do que em pessoas não imunizadas. “Isso significa que a vacina Pfizer/BioNTech, embora altamente protetora, provavelmente não oferece o mesmo nível de proteção contra a variante sul-africana do coronavírus como faz contra as outras”, diz o estudo. “A variante sul-africana é capaz, até certo ponto, de contornar a proteção da vacina”, disse à agência de notícias France-Press Adi Stern,

professora da Universidade de Tel Aviv e coautora do estudo.

Dois artigos publicados em fevereiro na revista *New England Journal of Medicine*, conduzidos pelos laboratórios Pfizer/BioNTech e Moderna, mostraram menor presença de anticorpos após a vacinação em pessoas infectadas com a variante sul-africana, indicando redução da proteção. O estudo israelense é o primeiro a avaliar a resposta da cepa à vacina no mundo real, ou seja, fora do ambiente controlado dos estudos científicos.

Palavra de especialista

LSHTM/Divulgação



Estratégia a explorar

“Para muitas doenças, como tuberculose e malária, a resposta imune a uma vacina não é suficiente para fornecer um alto nível de proteção, então, a próxima etapa lógica é combinar duas vacinas diferentes que levam o mesmo antígeno em um regime heterólogo de iniciação-reforço. Os regimes de reforço inicial heterólogos seriam uma estratégia importante a explorar em ensaios clínicos, uma vez que a combinação de vacinas poderia aumentar o nível e a duração da eficácia. Onde a eficácia já é maior que 90%, há pouca vantagem em seguir um regime heterólogo de iniciação-reforço, embora valesse a pena se a abordagem estendesse a duração da eficácia. Com base em estudos anteriores que combinam diferentes tipos de vacinas, é provável que seja uma tecnologia segura, mas é importante que seja testada no contexto de um ensaio clínico”.

Helen Fletcher, professora de Imunologia da Faculdade de Higiene e Medicina Tropical de Londres

Planeta ultrapassa 2,9 milhões de mortes

Um balanço atualizado feito pela agência de notícias France-Press com base em fontes oficiais indicou que, desde o fim de dezembro de 2019, a pandemia de coronavírus já causou ao menos 2.929.563 mortes no mundo. Os Estados Unidos são o país com o maior número de mortes, 561.783, seguido por Brasil (351.334), México (209.212), Índia (169.275) e Reino Unido (127.080).

País mais enlutado da Europa, o Reino Unido viu, contudo, a situação sanitária melhorar bastante graças a uma campanha de vacinação bem-sucedida. Os números de infecções, assim como o de hospitalizações e de mortos (menos de 50 por dia) diminuíram drasticamente, o governo continua muito cauteloso, com medo da onda de contaminações na Europa. As viagens para o exterior

estão proibidas até 17 de maio. Hoje, os comércios não essenciais, como salões de beleza, terraços de pubs e academias reabrem na Inglaterra. Os outros países do reino seguem suas próprias estratégias.

Na França, a recomendação de especialistas é de que medidas restritivas continuem. Segundo o epidemiologista Antoine Flahault, a vacinação, por si só, não é suficiente para conter

a pandemia, devido ao risco das variantes, resistentes ou das deficiências da campanha. “Temos que deixar de viver com isso para avançar em uma estratégia de remoção do vírus. O maior risco, com a estratégia atual, é voltar a esse platô que afeta a vida dos franceses desde dezembro, acima de 10 mil a 15 mil casos por dia”, afirmou. No momento, o país começa a imunizar os maiores de 55 anos.

O intervalo de injeção da segunda dose será estendido para as vacinas da Pfizer-BioNTech e Moderna, anunciou o governo. Outra novidade foi a autorização da venda em farmácias de testes de amostra nasal para pessoas assintomáticas com mais de 15 anos, de acordo com decreto publicado ontem. O país, confinado pela terceira vez, se aproxima das 100 mil mortes.